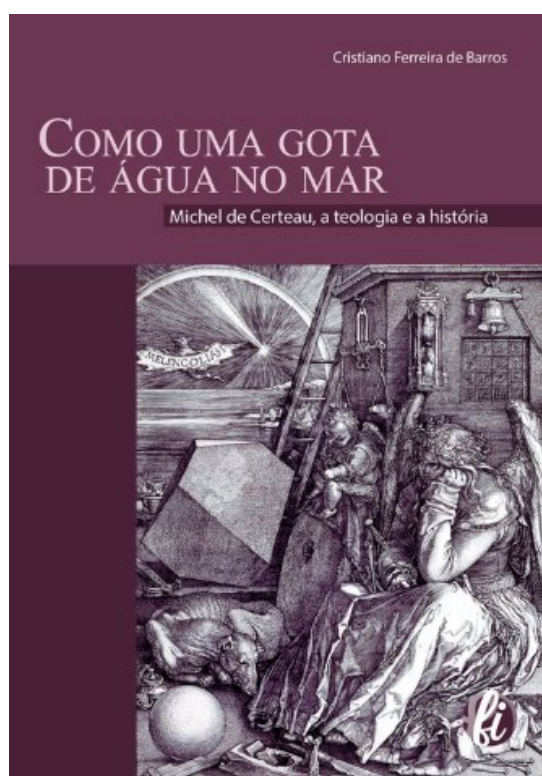


Resenha

Como uma gota de água no mar: Michel de Certeau, a teologia e a história¹

Anna Beatriz Esser dos Santosⁱ
Universidade Iguazu



Resumo: Esta resenha apresenta a recente obra de Cristiano Barros, *Como uma gota de água no mar: Michel de Certeau, a teologia e a história* (2023). Produto de uma rica tese de doutorado, o livro explora

¹ BARROS, Cristiano Ferreira de. *Como uma gota de água no mar: Michel de Certeau, a teologia e a história*. Cachoeirinha: Fi, 2023. 512 p. ISBN 978-65-85725-16-3.

o entrelaçamento entre história e teologia na obra do pensador francês, jesuíta e historiador Michel de Certeau. Discerne-se em seu desenvolvimento uma interessante inversão: de uma história pensada sob o paradigma da teologia para uma crítica da teologia a partir da história, revisitada teórica e politicamente à medida em que Certeau engaja-se no ambiente intelectual francês das décadas de 1960 e 1970 e na crise institucional e doutrinária vivida então pela Igreja Católica. Expressão central da abertura à diferença característica de Michel de Certeau, essa passagem se põe sob o signo do conceito de "hospitalidade", que atravessa as fronteiras disciplinares para se tornar uma disposição epistemológica e ética.

Palavras-chave: Michel de Certeau; teologia; história; hospitalidade.

"O maior teólogo para os dias de hoje", assim declarou Jorge Mario Bergoglio, conhecido por todo o mundo como o Papa Francisco, sobre Michel de Certeau. A declaração pode parecer surpreendente para aqueles que conhecem Certeau apenas por sua obra *A Escrita da História*, amplamente lida e discutida entre os estudantes de história, campo no qual a noção de "operação historiográfica" se tornou referência obrigatória. Todavia, para além de sua contribuição ao pensamento histórico, há em Certeau um itinerário religioso profundamente marcado por sua formação jesuíta, que ainda permanece pouco explorado em comparação com sua produção historiográfica. Esse aspecto, muitas vezes negligenciado, revela uma faceta crucial de seu pensamento, em que fé e história se entrelaçam em uma complexa rede de sentidos e práticas.

A obra *Como uma Gota de Água no Mar: Michel de Certeau, a Teologia e a História*, de Cristiano Ferreira de Barros, faz um estudo sobre a relação entre teologia e história na trajetória intelectual de Michel de Certeau. Fruto de uma tese de doutorado, Barros propõe uma leitura original, buscando ultrapassar as interpretações convencionais que limitam Certeau a um pensador ou da cultura ou da espiritualidade, demonstrando como sua abordagem interdisciplinar entre história e teologia fornece uma visão renovada das tradições cristãs.

O livro explora o percurso intelectual de Certeau desde suas primeiras incursões no campo da espiritualidade cristã até sua maturidade acadêmica, com especial atenção à visão de Certeau sobre a história como um campo aberto de tensões entre passado e presente, tradição e ruptura, fé e ceticismo. A pesquisa de Barros revela que Certeau não apenas

escreveu sobre a história, mas a utilizou como um meio de explorar as experiências humanas da crença, da dúvida e da identidade cristã.

Já na introdução Barros enfatiza a complexidade dos escritos de Certeau, que resultam de sua vasta erudição e de sua disposição para o diálogo interdisciplinar, envolvendo áreas como filosofia, psicanálise e semiótica. O autor contextualiza esse pensamento no efervescente cenário intelectual francês das décadas de 1960 e 1970, período marcado por intensos debates acadêmicos e sociais. A pesquisa destaca diferentes perspectivas sobre o legado de Certeau, que passam por sua contribuição à história da teologia e a presença de uma abordagem teológica subjacente a suas reflexões historiográficas. Certeau tensiona a tradição cristã e a modernidade, oscilando entre a fé cristã e o ceticismo do historiador. Para fundamentar sua análise, Barros adota uma abordagem metodológica abrangente, analisando diversos materiais, como livros, artigos, sermões e documentos inéditos da Companhia de Jesus.

Um dos principais pontos discutidos na introdução é a interrelação entre os conceitos de teologia e história nos escritos de Certeau. Barros questiona como esses conceitos se entrelaçam e de que forma aparecem na obra de Certeau. O livro explora a relação entre espiritualidade cristã e historicidade, revelando como Certeau desafia as interpretações tradicionais da Igreja, enquanto dialoga com as exigências do mundo moderno. A pesquisa sugere que sua abordagem permite reinterpretar a tradição cristã à luz das transformações sociais e culturais contemporâneas.

O autor explicita em sua introdução a influência de Dominick LaCapra, que propõe que o contexto não seja visto como a solução para a interpretação textual, mas como um problema a ser investigado. Essa perspectiva orienta a análise de Barros, que busca compreender como os textos de Certeau se relacionam com seu contexto, sem reduzir o texto a um mero reflexo de seu tempo.

A tese central do estudo é a relação entre teologia e história nos escritos de Michel de Certeau, delineando uma trajetória intelectual que transita de um momento teológico da história a um momento histórico da teologia, marcada por uma "peregrinação sem destino prévio". A estrutura proposta – com momentos distintos e uma transição – sugere uma abordagem dinâmica e dialética, capaz de captar as tensões inerentes ao pensamento certauniano. O autor ora mobiliza, ora propõe algumas noções para dar conta das diferentes

modalidades de relação entre teologia e história ao longo dessa trajetória – teologia da história, tradição dilatada, tradição fraturada, pensabilidade histórica da teologia, etc.

O capítulo inicial, intitulado "O momento teológico da história", traça a relação entre a teologia e a história no jovem Certeau, evidenciando como sua formação jesuítica e a profunda ligação com a tradição cristã moldaram sua produção intelectual. Cristiano Barros destaca que Certeau não adota uma compreensão literalista da tradição cristã, mas também não se dissocia de uma forte cultura institucional a esse respeito. Documentos de arquivo e artigos em revistas religiosas dos anos 1950 e início dos anos 1960 mostram um Certeau que pensava a história em termos teológicos. Essa "teologia da história" dava-se na explicação da totalidade das durações históricas segundo o modelo crístico, recorrendo à providência divina, em conformidade com a tradição cristã e o magistério da Igreja.

Barros destaca o trabalho de Certeau como historiador das doutrinas místicas dos séculos XVI e XVII, com foco em Pierre Favre e Jean-Joseph Surin (BARROS, 2023, p. 98). Certeau dá grande importância à filologia e à crítica textual no estudo da espiritualidade, influenciado pelos seminários de Jean Orcibal. Para entender a análise histórica que Certeau faz dos textos jesuítas, Barros mobiliza materiais como a revista *Christus*, a *Revue d'Ascétique et de Mystique* e as introduções à edição do *Mémorial* de Pierre Favre, do *Guide Spirituel* e da *Correspondance* de Jean-Joseph Surin. Eles mostram a preocupação de Certeau com a materialidade do texto e o rigor na análise das fontes manuscritas.

No entanto, o estudo da doutrina mística de Surin revela uma abordagem que não se limita a interpretar as fontes, mas busca compreender a experiência mística do próprio autor. Barros observa que Certeau equilibra sua experiência religiosa com as exigências da crítica acadêmica, lidando com as tensões entre a abordagem histórica e a teológica. Barros destaca que Michel de Certeau reconhecia a necessidade de uma teologia enraizada na história, sem renunciar à dimensão propriamente espiritual e mística do cristianismo nessas experiências.

Nesse sentido, a abordagem de Certeau pode ser comparada à hermenêutica de Paul Ricoeur (2007) em *Memória, história e esquecimento*, que explora a relação entre narrativa e identidade, destacando as tensões entre memória e esquecimento, continuidade e ruptura. Num sentido próximo a Ricoeur (1994) em *Tempo e narrativa*, Certeau busca entender como a narrativa histórica pode dar sentido à experiência humana, delimitando sua atenção ao campo da fé cristã.

O segundo capítulo, "Modernidade teológica e escritura certeauniana", aborda a relação entre teologia e história no contexto das transformações da segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Aqui é tratado o ambiente intelectual e teológico que impactou na escrita teológica sobre a história desse "primeiro" Certeau.

Barros destaca as disputas entre correntes como o historicismo, o tomismo e a "nova teologia" de teólogos como Henri de Lubac, mentor de Certeau (BARROS, 2023, p. 135). O capítulo explora a crescente tensão entre a abordagem histórica da fé e a visão dogmática da Igreja, evidenciando a crítica histórica promovida por autores como Ernest Renan e Alfred Loisy. Estes questionavam a autoridade da tradição e dos textos sagrados, promovendo uma leitura contextualizada da religião, o que levou à oposição da Igreja e à condenação dos chamados "modernistas", sobretudo durante o pontificado de Pio X, como a encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, a qual reafirmava o tomismo como a base filosófica do pensamento católico (BARROS, 2023, p.140).

A formação de Certeau no seminário de Fourvière em Lyon ocorre em um ambiente de renovação teológica, onde se buscava conciliar a tradição da Igreja com novas perspectivas filosóficas e históricas. Influenciado por autores como Heidegger e Hegel, Certeau desenvolve uma abordagem singular, tensionando a necessidade de uma leitura histórica da experiência cristã com a manutenção dos dogmas (BARROS, 2023, p. 136).

Certeau, por sua vez, é profundamente influenciado por essa tensão entre história e dogma, buscando interpretar a tradição cristã dentro das rupturas da modernidade. Ele reconhece a importância de uma teologia enraizada na história, sem desconsiderar a dimensão espiritual e mística do cristianismo, alinhando-se ao pensamento de autores como John Henry Newman e Maurice Blondel, que viam a tradição como um processo dinâmico.

Os dois capítulos iniciais abordam o que Barros denomina o "momento teológico da história" na trajetória intelectual de Michel de Certeau, em que se observa um interesse predominantemente pastoral e espiritual em sua abordagem da história. Esse viés teológico se manifesta tanto em seu trabalho de reedição de manuscritos antigos quanto em sua atuação como historiador das doutrinas místicas dos séculos XVI e XVII. Nesse período, a teologia e a história desempenhavam um papel funcional em sua vocação sacerdotal e em seu compromisso com a ordem religiosa à qual pertencia.

O terceiro capítulo, com o título “Um trabalho teológico em transição”, explora a relação entre tradição e renovação no pensamento de Michel de Certeau. O autor analisa como Certeau foi influenciado por figuras como Santo Agostinho, Inácio de Loyola, Pierre Favre e Henri de Lubac, moldando sua atuação como padre e intelectual jesuíta. A experiência religiosa de Certeau foi crucial para sua abordagem teológica da história, que passou por uma transição crítica a partir na década de 1960. Nesse período, ele refletiu sobre os desafios da modernidade para a experiência cristã, tensionando fidelidade e renovação.

Outro aspecto analisado no capítulo é a relação entre tradição e prática pastoral, especialmente por meio da atuação de Certeau na *Christus*, revista jesuíta dedicada ao tema da espiritualidade. Sua participação na direção editorial buscava conciliar a tradição inaciana com os desafios da modernidade, criando um espaço para diálogo com as ciências humanas e novas formas de expressão.

Cristiano Barros identifica entre 1963 e 1966 uma “transição” que evidencia uma transformação paulatina na maneira como Certeau articula teologia e história. Essa transição caracteriza-se pela intensificação da defesa da renovação cristã no mundo moderno, pela crítica à tradição e pela consideração das limitações do cristianismo diante das demandas contemporâneas, cada vez mais em tensão com a tradição e o magistério oficial que, em última instância, seus textos ainda buscavam salvaguardar, tanto por sua identificação com a cultura religiosa quanto por reprimendas de superiores da Companhia. Barros propõe a noção de “tradição dilatada” para interpretar a perspectiva de Certeau a esse respeito, entendida como a continuidade histórica em um espaço de reinvenção que amplia os sentidos da tradição, mas esforçando-se em não contradizê-la (BARROS, 2023, p.211).

Para Barros, essa transição não se trata da ilusão biográfica de uma simples evolução cronológica, coerente e teleológica, mas de um movimento intelectual de perambulação. Novos aspectos já começam a aparecer na maneira teológica de Certeau pensar a história, mas sem romper com a compreensão predominante em sua trajetória até então.

Por volta de 1966-1967, esse esforço em manter a continuidade da tradição e a universalidade da Igreja inalteradas parecem perder espaço nos textos de Certeau. Ele passa a explorar a incerteza crente e a ruptura com a tradição gerada pelo mergulho na cultura e na historiografia modernas. Agora ganha espaço uma abordagem crítica e desconstrutiva da história da espiritualidade cristã. Certeau fala da necessária “heresia do presente”, trata a

tradição no plural, fala da “miragem das origens”, elogia a “ousadia” de Santo Inácio, dentre outras formulações sobre a relação com o passado cristão que Barros chama de “tradição fraturada”.

Para Barros, essa transformação representa a mudança de uma “teologia da história” para uma “teologia na história”. Certeau concebe a história sob a ótica de um *a priori* teológico, ou seja, um olhar providencialista que interpreta os acontecimentos históricos como manifestações de uma ordem divina. Esse paradigma cede espaço a uma perspectiva na qual a história passa a ser praticada autonomamente em relação a pressupostos teológicos, além de também fornecer uma ferramenta que impõe limites a certas interpretações teológicas. Esse deslocamento reflete uma abertura crescente às transformações culturais e intelectuais do período, culminando em uma inversão de sua abordagem: a teologia, que antes orientava sua leitura da história, passa a ser interpretada a partir de um *a priori* histórico, isto é, limitada por circunstâncias históricas específicas que a tornam pensável.

O quarto capítulo, “A Desinstitucionalização do Crer” faz uma abordagem histórica das transformações ocorridas na relação entre a fé católica e as estruturas institucionais da Igreja no contexto da modernidade. Barros analisa como essas mudanças desencadeadas pelo Concílio Vaticano II e amplificadas pelos eventos de Maio de 1968 resultaram em um processo de “desinstitucionalização” das crenças religiosas (BARROS, 2023, p. 281). Barros argumenta que esse fenômeno não se configura como uma ruptura abrupta, mas como um descompasso gradual entre as diretrizes oficiais da Igreja e as vivências dos fiéis, o que contribuiu para a perda de autoridade das instituições eclesiásticas.

A análise proposta por Barros articula a história institucional da Igreja com as experiências subjetivas dos crentes. Esta evidencia como a transição de um modelo religioso rigidamente institucionalizado para uma espiritualidade mais fluida e individualizada gerou tensões internas, refletidas nas mudanças editoriais da revista *Christus* sob a direção de Michel de Certeau e François Roustang. A crítica interna promovida por esses intelectuais jesuítas buscava forjar formas de estar com a tradição remodeladas pelos desafios modernos, mas enfrentou resistência da hierarquia eclesiástica, que via essas tentativas como ameaças à coesão doutrinal.

Uma das questões que Barros destaca no período é a maneira como Certeau vivencia essas tensões na medida em que Certeau não se vê como independente da tradição, mas busca reinterpretá-la a partir de novas experiências históricas e culturais. A sua produção intelectual, segundo Barros, incorpora elementos das ciências humanas para analisar a crise da linguagem religiosa e a necessidade de uma espiritualidade mais aberta às realidades contemporâneas. No entanto, essa abertura progressiva resultou em um deslocamento de Certeau da esfera institucional da Companhia de Jesus para espaços acadêmicos e sociais mais amplos, como suas experiências na América Latina e sua participação nas discussões intelectuais em Paris.

A abordagem crítica do capítulo ressalta que a "desinstitucionalização" não significa o desaparecimento da fé, mas sua transformação em uma experiência mais subjetiva e pluralista. Barros sugere que esse processo levou a uma reconfiguração do crer, onde os indivíduos passaram a buscar formas de espiritualidade que dialogassem com suas vivências cotidianas, sem necessariamente seguir as diretrizes institucionais da Igreja.

Essa perspectiva proposta por Barros se alinha à noção de "crise de plausibilidade" discutida por Danièle Hervieu-Léger, socióloga que debateu com algumas ideias de Certeau. Barros recorre à socióloga para pensar o enfraquecimento da sociabilidade católica. A modernidade teria enfraquecido a legitimidade das instituições religiosas ao romper os mecanismos tradicionais de transmissão da fé. Diante dessa crise de plausibilidade das instituições religiosas, a crença se torna cada vez mais subjetiva e individualizada (HERVIEU-LÉGER, 1999). Assim, a desinstitucionalização do crer abordada por Barros é o outro lado da moeda desse movimento de recomposição da fé no qual os indivíduos reinventam suas práticas espirituais em um campo religioso cada vez mais plural e aberto a novas formas de pertencimento e compartilhamento religioso (HERVIEU-LÉGER, 1989).

O quinto capítulo "O momento histórico da teologia" trata da relação entre teologia e história na obra de Michel de Certeau, destacando as mudanças conceituais que o jesuíta introduziu a partir da segunda metade dos anos 1960. Certeau reformula a abordagem tradicional da teologia ao reconhecer a impossibilidade de uma explicação universal e necessária dos eventos religiosos, propondo em seu lugar uma visão histórica que incorpora contingências e especificidades culturais. Nesse sentido, a teologia contemporânea deve refazer-se em uma sociedade secularizada, onde o cristianismo já não detém o monopólio da

verdade, inventando uma abordagem que alia tradição e inovação intelectual para dar conta da dupla necessidade de estar com o presente e o passado.

A crítica central do texto reside na constatação de que Certeau rejeita a fusão entre erudição e apologética, abordando a história da teologia sob uma ótica epistemológica mais ampla. Ele propõe uma teoria heterológica da história, onde a ausência de Deus se torna um elemento constitutivo da investigação historiográfica. A historicidade e a inteligibilidade são reconfiguradas, permitindo uma nova operação teológica que não se apoia mais em dogmas imutáveis, mas sim em um contínuo diálogo com o passado e suas lacunas interpretativas.

Barros destaca como Certeau dialoga com outras disciplinas, como a psicanálise, a filosofia e o estruturalismo, especialmente Freud, Foucault e Lévi-Strauss. A noção de heterogeneidade epistêmica e a busca por um conhecimento que reconhece seus próprios limites permeiam sua obra naquele momento. Barros mostra que, ao transformar a teologia em um campo aberto a múltiplas leituras e interações, Certeau não apenas repensa a história, mas também desafia as fronteiras epistemológicas que tradicionalmente delimitavam a fé e o conhecimento histórico.

A conclusão do livro de Cristiano Barros com o título "A viagem certeuniana do pensamento" apresenta uma análise densa e profunda sobre a transformação do pensamento teológico e histórico de Michel de Certeau, destacando a transição de sua abordagem inicial, mais alinhada à tradição cristã, para uma perspectiva que integra a história como condição de possibilidade para a teologia. Barros agrupa esses momentos em um momento teológico da história (até 1966), uma transição (1963-1966) e um momento histórico da teologia (1966 em diante).

O autor demonstra como Certeau, ao longo de sua trajetória, gradualmente substitui um "a priori teológico da história" por um "a priori histórico da teologia" (BARROS, 2023, p.496), enfatizando a inevitável descontinuidade histórica e a necessidade de adaptação contínua da tradição à realidade contemporânea. Esse deslocamento reflete uma crítica sutil, mas incisiva, à postura tradicional da Igreja, que busca preservar uma continuidade dogmática frequentemente incapaz de responder às demandas do presente.

A tese aponta como Certeau, especialmente a partir dos anos 1960, abraça uma compreensão da fé cristã que não se fixa em estruturas dogmáticas, mas que se manifesta em um contínuo jogo de rupturas e reelaborações. O conceito de "hospitalidade" é explorado

como um elemento central em sua obra, indicando uma abertura para a alteridade e para o desconhecido, sem a necessidade de fixações identitárias. Nesse sentido, a conclusão articula a relação entre força e fragilidade no pensamento cerтеаuniano, mostrando como sua teologia se sustenta na aceitação do risco e da incerteza.

A conclusão enfatiza que a contribuição de Certeau está em sua capacidade de transformar a teologia em uma prática viva e dinâmica, que reconhece suas limitações e aceita a constante necessidade de reinvenção. A tese de Barros destaca a relevância do legado cerтеаuniano para a contemporaneidade, sugerindo que sua abordagem pode servir de inspiração para uma prática crente que acolha a diversidade e o dinamismo da vida social. A fragilidade do crer, longe de ser uma fraqueza, é apresentada como uma oportunidade para uma fé mais autêntica e engajada, capaz de dialogar com os desafios da história sem perder sua particularidade espiritual nem sua equivalência com o passado cristão.

A obra *Como uma Gota de Água no Mar* realiza uma análise da trajetória intelectual de Michel de Certeau, oferecendo uma abordagem original sobre a complexa relação entre teologia e história para o jesuíta. A relevância do pensamento de Certeau permanece incontestável para a compreensão dos desafios enfrentados pela experiência crente diante das transformações culturais e filosóficas de nosso tempo. A obra escrita por Barros enriquece ainda mais esse debate, oferecendo uma análise aprofundada e perspicaz das implicações epistemológicas e éticas da relação entre fé e saber. Considerando que a religião se mostra mais viva do que nunca nos debates públicos atuais, a publicação de *Como uma Gota de Água no Mar* vem em hora oportuna.

REFERÊNCIAS

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement**. Paris: Flammarion, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Tradition, innovation and modernity. **Social Compass**, v. 36, n. 1, p. 7-18, 1989. DOI 10.1177/003776889036001005

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Vol I. Campinas: Papirus, 1994.

ⁱ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente da Universidade Iguaçu. Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Universidade Iguaçu

E-mail: annaesser@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4812-7628>

Recebido em 26/01/2025

Aceito em 06/02/2025



Eutomia, direitos autorais de Anna Beatriz Esser dos Santos, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).